

MBYÁ JEGUATÁ-CAMINHADA GUARANI

Autora: Carmem Guardiôla Orientador: Sergio Baptista da Silva



Foto de Eduardo H. Dutra

Na aldeia guarani, trabalhando no projeto “Ecologias simbólicas, corpos e parentesco: constituindo territórios *mbyá*, *kaingang* e quilombola em espaços metropolitanos”, de meu orientador, Sergio Baptista da Silva, e com o convite do cacique, me envolvo em seu projeto para a comunidade da *Jataity* no Cantagalo, município de Viamão, a *Mbyá Jeguatá* – caminhada guarani, uma vivência com o modo de ser *mbyá*. Desde dezembro de 2014 este projeto coloca a comunidade receptiva, convidando a sociedade não indígena a conhecer sua mata e sua cultura, e eu, a observar e participar destes envolvimento entre os *mbyá* e *juruás* (não indígenas, brancos).



O objetivo desta pesquisa é entender o fazer política dos *mbyá* com outras sociedades, nos tempos de hoje. Com etnografia e referências teóricas, tenho por objetivo pensar o que leva uma liderança *mbyá* a buscar envolvimento e maior proximidade com alteridades e de que forma isto acontece.

Hoje, os guarani, tendo seus espaços territoriais limitados em terras indígenas, em áreas muito confinadas, sua mobilidade comprometida, a *jeguatá*, busca por novas terras e nesta busca a constituição da pessoa *mbyá* e sua organização social, afetam de alguma forma este fazer política. Pensando nos antigos tupi, e uma das formas como constituíam sua subjetividade, seus corpos, pessoas e perspectivas, através da apropriação de outras subjetividades, alteridades externas (humanas e não humanas) com agências, potência, possíveis de serem domesticadas, familiarizadas, tupinizadas e predadas, pelo motor das inimizades a composição de alianças e inimigos, posso pensar na *jeguatá*, hoje, como as palavras do cacique Jaime Vherá Guyrá: - “hoje a *jeguatá* é o caminho político para conseguirmos novas terras”. Momentos de fazer alianças e se compor como uma pessoa acumulando potências, se potencializando a fim de produzir subjetividades e obter, desta forma, prestígio.

No evento de vivência com os *mbyá* da *Jatai'ty*, *Mbyá Jeguatá* – caminhada guarani vejo uma liderança local tentando uma expansão, pois tornando-se uma pessoa de potências que preda propriedades possíveis de serem apropriadas, obtém prestígio político para si e conseqüentemente potência para sua parentela. Posso ver, conforme Eduardo Viveiros de Castro numa ‘estética do canibalismo’ o ‘conter outros homens’ segundo Marilyn Strathern.



Referências

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, 1985. “Vingança e temporalidade: os Tupinambá” in: Journal de la Société des Américanistes (LXXI)
- CLASTRES, Pierre. “Troca e poder: filosofia da chefia indígena” in: A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac Naify, 2003
- SZTUTMAN, Renato. O profeta e o principal. A ação política ameríndia e seus personagens. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. in: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A imanência do inimigo” in A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem” in: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002